

Fotografia e infância: O universo simbólico das “lembrancinhas” de crianças e suas representações

Photography and childhood: The universe of symbolic “Favors” children and representations

Felipe Rodrigo Contri Paz ¹

Gilberto Ferreira da Silva ²

Resumo: O recurso fotográfico, surgido no século XIX, promoveu uma das mais significativas reconstruções simbólicas do mundo. Isso se deve ao fato de que pela primeira vez o homem conseguia atingir a “perfeição” de sua representação. Isto influenciaria o modo como o homem visualizaria a si e a sociedade circundante. A fotografia, hoje algo trivial para a sociedade contemporânea extremamente vinculada às frequentes inovações tecnológicas, possui muitas propriedades pouco exploradas. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar os discursos narrativos em fotografias e suas representações sobre a infância. O costume da lembrança fotográfica aos parentes, em especial para os padrinhos de crianças, permanece como uma prática corrente, ainda que de diferentes formas. Atualmente, as “lembrancinhas” fotográficas vão sendo substituídas por outros recursos tecnológicos, entre eles, talvez o mais popular, os e-mails. Se este fator promoveu, por um lado, a maior circulação de imagens no mundo por outro também a banalizou como mero artifício ilustrativo do texto escrito. A linguagem imagética carrega uma série de significados, traduzindo tempos e sentidos, oferecendo outras possibilidades de interpretação para além do texto escrito.

Abstract: The photographic resource emerged in the nineteenth century promoted one of the most significant symbolic reconstructions of the world. This is due to the fact that for the first time the man could achieve “perfection” of their representation. This will influence the way we visualize the man himself and the surrounding society. The photograph, now something trivial to contemporary society extremely linked frequent technological innovations, has many unexplored properties. The objective of this work is to analyze the narrative discourse in photographs and their representations of childhood. The usual souvenir photo to relatives, especially for the godparents of children remains common practice, albeit in different ways. Today, the “souvenirs” cameras are being replaced by other technological resources, among them, perhaps the most popular e-mail. If this factor promoted on the one hand, the increased circulation of the world images also commonplace by another workman merely as illustrative of the written text. The imagery language carries a number of meanings, translating times and directions, offering other possibilities of interpretation beyond the written text.

¹ Licenciado e Bacharel em História, Pós-graduando em Gestão de Pessoas e Liderança Coach. E-mail: <felipecontripaz@hotmail.com>

² Doutor em Educação. Professor do Unilasalle. Pesquisador do CNPq.

Palavras-chave: Fotografia, Infância, Representações, Discursos narrativos

Keywords: Photography, Childhood, Representations, Discourses narrative

Introdução

O recurso fotográfico, surgido no século XIX, promoveu uma das mais significativas reconstruções simbólicas do mundo. Isso se deve ao fato de que pela primeira vez o homem conseguia atingir a “perfeição” de sua representação, ao menos era o que se pensava na época. Os pintores contemporâneos tiveram, inclusive, que redirecionar sua percepção do real, afim de não concorrer diretamente com a fotografia, mas sim burlar seu resultado. Assim, surgiu o movimento impressionista, no qual grandes nomes como Degas, Renoir, Monet foram expoentes.

A fotografia, hoje algo “trivial” para a sociedade contemporânea extremamente vinculada as frequentes inovações tecnológicas, possui nuances nem sempre analisadas. A facilidade de produção de uma imagem fotográfica é incontestável. Qualquer aparelho eletrônico, de celular a notebook pode registrar fotograficamente. Mas, as inúmeras imagens produzidas e lançadas para todas as direções do cotidiano fazem pensar como a produção e reprodução de imagens tornou-se banalizada. Acostumou-se a fazer leitura de textos escritos, mas, muitas vezes, não se percebe que a linguagem imagética carrega consigo uma série de significados, e que cada imagem constrói uma sequência de representações. Assim, não se atenta às informações concentradas nas imagens e o quanto rica é a análise proveniente do recurso imagético, concebido como um texto visual. O trabalho de análise de uma imagem envolve um conjunto de elementos, que no dizer de Mauad:

(...) entre o sujeito que olha e a imagem que elabora há muito mais que os olhos podem ver. A fotografia - para além da sua gênese automática, ultrapassando a ideia de *analogon* da realidade - é uma elaboração do vivido, o resultado de um ato de investimento de sentido, ou ainda uma leitura do real realizada mediante o recurso a uma série de regras que envolvem, inclusive, o controle de um determinado saber de ordem técnica (1996, p.3).

O presente estudo movimenta-se nesta direção. Aborda os usos deste recurso para a construção social da imagem da infância no século XIX e no XX, através das fotografias-lembrança que são produzidas para a família e para a sociedade. Para isso, recorre-se a duas fotografias de criança destinadas a este fim. Especificamente, no que diz respeito ao processo de análise das imagens escolhidas, procurou-se inspirar nos passos metodológicos para tal fim propostos por Robert William Ott, professor da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos. Sua metodologia *Image Watching* (Olhando imagens) emerge de sua experiência como supervisor da prática de ensino e estágio. Ott (apud SARDELICH, 2006) propõe a leitura de imagens a partir de seis momentos que se encontram articulados entre si: 1º) Aquecendo (ou sensibilizando): o educador prepara o potencial de percepção do educando; 2º) Descrevendo: o educador interroga sobre o que o educando vê, percebe; 3º) Analisando: o educador apresenta aspectos conceituais da análise formal; 4º) Interpretando: o educando expressa suas sensações, emoções e ideias, elabora e sistematiza suas reflexões a partir da imagem de referência; 5º) Fundamentando: o educador oferece elementos do contexto social, cultural e histórico, agregando informações; 6º) Revelando: o educando revela, traduz através do texto analítico interpretativo o processo vivenciado. Estes momentos servem como inspiração para a construção da análise que se apresenta neste trabalho. Em síntese, procurou-se compreender os

diferentes discursos narrativos que as fotos produziram sobre a infância e quais as diferentes construções sociais que o produtor da foto busca traduzir pelo recurso visual e quais intenções que o fotógrafo e a família da criança tiveram ao construir esta representação. Para isso, recorre-se como estratégia a uma foto do final do século XIX, na qual ainda se aprimorava o processo de produção e as formalidades envolvidas para o ato e uma foto do final do século XX, produzida ainda com câmera analógica, em que a produção da fotografia respeitava um processo diverso, porém ainda extenso se comparado aos padrões atuais.

Ainda sobre o suporte metodológico

No primeiro caso da fotografia escolhida para amparar a análise neste trabalho, observa-se que a infância perdia seu espaço quando no ato de produção fotográfica, visto que se necessitava de todo um preparo técnico e social, em vista que aquela foto ficaria para a apreciação dos parentes da família e da sociedade. Assim, o momento monumentalizado à posteridade deveria ser o mais próximo da perfeição.

Na segunda foto, ocorre o inverso, o interessante é demonstrar o momento da infância, algo que quer se ressaltar como sinal de inteligência e saúde infantil. As inovações técnicas da segunda foto (hoje, já bastante defasadas) facilitavam, e muito, a espontaneidade do ser ao ser fotografado, visto que o tempo do processo durava frações de segundo.

O estudo de imagens para o conhecimento da sociedade de uma época revela o imaginário social do momento retratado. A partir do gestual, do vestuário, da pose escolhida e determinada a perenizar o momento, pode-se entender o recorte de mundo que se vislumbra demonstrar. A criança também passa pelo processo de construção imagética, desde sua mais tenra idade biológica, na qual ainda não pode formular um caráter identitário individual. Significa, pois, que a criança tem sua imagem devidamente forjada pelos pais, pela sociedade que a circunda, com o objetivo de promover da maneira que melhor possível sua identidade social.

No primeiro caso, analisa-se uma fotografia do século XIX, na qual a criança tem uma rigidez nítida em sua pose para o processo fotográfico. No segundo caso, pertencente ao século XX, a criança parece expressar-se de maneira mais livre, embora ainda conduzida a partir de uma intencionalidade que orienta as representações de um tempo histórico. O que se pode verificar é que a produção imagética está carregada em de inúmeros significados que representam o universo simbólico de uma sociedade no tempo, trazendo através de um momento perenizado a possibilidade de uma realidade construída, servindo inclusive, de fonte histórica aos historiadores e profissionais ligados ao estudo da memória e da História.

Para a escolha das imagens, fez-se uso do acervo pessoal, identificado como Felipe Garcia I (familiar), no qual se encontram fotos de família desde 1878. O critério para a escolha foi encontrar uma foto de lembrança de criança, geralmente enviada para o padrinho, quando a criança comemora um ou dois anos. Localizou-se uma datada de 1887, período permeado por inúmeras transformações socioculturais e econômicas no Brasil, e outra imagem de 1992, mais de um século de diferença temporal, entretanto, igualmente marcado por um período atravessado por inúmeras mudanças

Ambas as fotos possuem uma dedicatória fixada junto ao álbum, indicando a palavra lembrança (na segunda foto *lembrancinha*), o que significa que foram produzidas com a intenção de envio para o padri-

nho, para representar a criança diante da família e da sociedade.

Assim, utilizou-se o recurso fotográfico de uma câmera digital para reproduzir as imagens, visto que se tratam de peças salvaguardadas no acervo fotográfico, portanto, optou-se em não usar o *scanner* nas mesmas, objetivando sua conservação.

Construindo a análise e suas interfaces: infância e representações sociais

Com base na ideia de representações sociais como um sistema de valores, práticas, crenças, ela cumpre duas funções: a primeira delas serve para orientar o sujeito no mundo, permitindo que também possa intervir e transformá-lo, e a segunda, expressada pelo recurso discursivo, oferece a possibilidade do sujeito nomear, identificar, e estabelecer comunicação com os demais membros da sociedade a que pertence, assim possibilitando que, tanto sua história individual quanto coletiva possa ser transmitida (MOSCOVICI, 2003). Nesta lógica de raciocínio, apresenta-se a primeira imagem, que serve como elemento provocador do processo reflexivo a que se dedica neste trabalho.



FOTO 1: “Lembrança de 1 ano e meio de Bertha” (inscrição da foto)

A fotografia 1 apresenta uma criança posicionada em pé, ricamente vestida com uma túnica, adornada de babados e botões, com calças de um material provavelmente aproximado com algodão, usando botas pretas. Possui olhar apreensivo e monótono, está em cima de uma poltrona grande. Apoia sua mão direita em cima da poltrona, a outra próxima da cintura. e fixa seu peso principalmente em uma das pernas. Chama a atenção uma espécie de gravata ao redor do pescoço e o cabelo bem penteado traduz a preocupação com o imaginário que se busca perenizar.

A fotografia apresenta uma criança (um menino) da família Armando (o nome da criança encontra-se apagado em seu verso), que na época da foto tinha um ano e meio de vida.

A posição do menino em nada aparenta a “normalidade biológica” de sua idade, principalmente pelo tempo que o “pequeno rapaz” deve ter ficado na mesma posição para a obtenção do resultado final do processo. Tal esforço remete para o que Jovino (2005) aponta, no sentido de que as imagens produzidas da e na infância revelam as representações “adultocêntricas” sobre elas do que necessariamente o que de fato são. Nas palavras do autor: “As crianças não produzem imagens de si mesmas, elas são retratadas pelos “outros”, os adultos. A iconografia da criança é, portanto, a imagem que o adulto extrai e produz dela” (p. 3).

A posição do menino indica um ato de reflexão, postado em cima de uma poltrona, provavelmente a paterna, visto o tamanho do encosto, o que indica a posição de liderança a qual quer se perpetuar. A foto-lembrança, enviada pela mãe do menino (Bertha), indica a imagem que se quer passar do jovem para seu padrinho, sua família e a sociedade em geral. O menino trajando vestes de idade adulta, algo comum no Brasil deste período, mas que era duramente criticado pelos europeus viajantes que faziam anotações sobre nosso país. Para eles, o espaço da criança era diferente ao do adulto e as roupas, hábitos e práticas obviamente acompanhavam esta lógica. Nesse sentido, assim registram Kidder & Fletcher; Sarat (2007):

Ele é transformado num “pequenino velho” antes de ter doze anos de idade, com seu chapéu duro de seda preta, colarinho em pé, bengala; e na cidade, anda como se todos estivessem olhando para ele, e como se o houvessem enfiado num colete. Não corre, não trepa, nem roda o arco ou atira pedras, como as crianças da Europa e da América do Norte (p.96).

O espaço da infância no Brasil ainda se confundia muito com o espaço do adulto. É bem verdade que neste caso (e em alguns outros), não podem dar a ideia generalizante que todas as crianças dessa época tinham os mesmos modos de trajar, agir e se comportar. Mas o registro fotográfico, usado como fonte, consegue transmitir uma série de significados, visto que a foto pode ser entendida como uma representação, ou seja, algo que transita entre o real e o irreal, ou seja, “a proposição é ler a iconografia (em especial fotografia) como fonte primária capaz de contribuir para a compreensão das questões a serem estudadas, embora consideremos a dificuldade de apresentar as imagens como fontes históricas” (JOVINO, 2005, p. 1).

A criança ressignificada ao mundo adulto, do modo em que ele deseja, transmite a condição social da família, a tradição política, o entendimento do mundo. Em outras palavras, a criança é vinculadora de sentidos, através da imagem construída. O uso privado desta construção não era limitado ao espaço familiar, pois acabava sendo exibido perante a sociedade como mostras do futuro, das gerações vindouras que darão prosseguimento a prosperidade familiar.

No Brasil não existem crianças no sentido inglês. A menor menina usa brincos e braceletes e meni-

nos de 8 anos exibem seus cigarros...A linguagem dos meninos é espantosa, embora eu deva admitir que provavelmente, em grande parte, não têm consciência do que estão dizendo. Desconhecem os jogos. O único tipo de brinquedo em que tomam parte é no de ‘pular cela’, e isso, só de vez em quando. (R. E. EDGECUMBE *apud* SARAT, 2007, p.95).

Porém, discutindo a visão que os europeus vinculavam as crianças brasileiras, como eles que são pertencentes a uma cultura totalmente diversa a do menino (e da família), eternizada na foto, poderiam querer adaptar seus modelos ao do Brasil, visto que nas palavras de Ariès (2006), os europeus, há tempos, já haviam criado o “sentimento de infância”.

Era vigente no Brasil uma sociedade escravocrata, na qual a criança branca deveria ter certas posturas modelo, espelhadas nos pais. Uma delas era a lida com os negros escravizados.

No Brasil o “sentimento de infância” construído na Europa não será as mesmas referências, mesmo porque vivemos realidades diferentes. Num período em que as novas relações sociais começam a surgir na Europa, a família celular burguesa já é uma realidade. Os conceitos de privacidade, civilização de costumes, comportamentos regulados e autocontrolados já estão presentes. Por aqui o momento é de colonização. Os modelos europeus são desejados e copiados, entretanto há que se considerar as distâncias desses modelos e as dificuldades encontradas na terra para se adequar a essas práticas. O cotidiano no Brasil passa a ser construído de acordo com a necessidade das pessoas está pautado pela diversidade entre as raças que colonizam a terra, a miscigenação cultural dos costumes, os hábitos, os comportamentos, que fazem com que se crie um “modo próprio” de relacionar-se. Assim, mesmo nos meios sociais mais abastados, a referência ao modelo europeu não surte o efeito desejado. No caso das crianças, elas estavam durante todo o tempo em contato com adultos. (...) a relação escravista, caracterizando o período, facultava às crianças brancas o poder sobre adultos negros. Nesse caso como estabelecer limites e regras rígidas para uma criança que acreditava poder subjugar a todos? (SARAT, 2000, p.38).

A família Armando (corruptela de Armandi), possuidora de grandes propriedades de terras na região meridional do Rio Grande do Sul, era vinculada ao trato com o gado *vacum* por meio das charqueadas. No ano de 1885, dois anos antes do retrato, havia sido abolida a escravidão no Rio Grande do Sul e na província do Ceará, o que de certa maneira implicaria em uma gradual transformação nas relações de trabalho do negro. A importante contribuição braçal do negro escravizado iria, alguns anos depois, se esfacelando e o trabalhador assalariado confirmando sua proeminência em regiões próximas, como o Uruguai e a Argentina, principalmente pela instalação de frigoríficos modernos desde 1883. A elite pecuária sulina entrava em processo de decadência desde 1870-71, devido a alguns fatos: O acirramento da concorrência dos pecuaristas gaúchos com os “saladeros” uruguaios, a manifesta escassez de mão de obra escrava, ainda agravada pela Lei do Ventre Livre de 1871 e a fundação do Partido Republicano Rio-Grandense, em 1882, ideologicamente contrário ao Liberal, que tinha sua base de apoio na região sulina do Rio Grande do Sul. A situação de decadência da economia era fato. Faz-se válido citar:

A crise da agropecuária gaúcha era sentida no final do Império. Referia “O Canabarro”, órgão do Partido Liberal em Livramento, que, em 1888, o preço do gado, charque, couro, cabelo e lã estava reduzido a um terço desde três anos ate aquela data. Completava o editorial: Estancieiros há, com um par de mil reses e campos correspondentes, ovelhas, éguas, mulas e cavalos que, muita vez, não dispõem de uma libra esterlina no bolso; e como não ser assim se todo o produto que eles conseguem apurar em seus bem povoados estabelecimentos de criação e de desfrute, mal chega para enfrentar com as suas necessidades mais premiantes? (PESAVENTO, 1993, p.201).

Mesmo assim, apesar da decadência financeira, esta elite pecuária tinha seu olhar voltado para as novidades vindas da Europa, que eram sinalizadas como maneiras de se diferenciar social e economicamente

do restante da população. Enviar os filhos para estudar na França era o auge de *civilização*. A fotografia foi mais uma maneira de trazer novos mecanismos de obtenção de reconhecimento e valorização da imagem da família, anteriormente ligada à pintura e, devido à maneira como era produzida, evidenciava um tempo extenso de tiragem e um custo relativamente alto para sua produção. Por isso, entre outros motivos, quem pudesse registrar sua imagem fotograficamente, também estava dando indicações de poderio econômico e social.

Evidentemente, se o domínio econômico já dava sinais de decadência, o imaginário do grande pecuarista poderia prosseguir em seu papel hegemônico se este ostentasse seu poder através do recurso fotográfico.

ser que antecipa o adulto e que deve ser vigiado e controlado de modo a ter seus instintos adaptados às exigências da sociabilidade e produção econômica que, principalmente nos discursos da pedagogia, da psicologia e da psicanálise, a infância foi recebendo novas significações (FRITZEN, 2005, p. 37).

Portanto, como a sociedade mudou incessantemente durante os 105 anos de que separam a produção das duas fotografias eleitas para a construção desta análise, igualmente os recursos tecnológicos para a produção de imagens fotográficas foram aperfeiçoados. Agora, passa-se a analisar a fotografia seguinte,



Foto 2: “André, 1 ano e meio – Lembrancinha para os padrinhos” (Inscrição da foto)

Nesta imagem, a criança encontra-se sentada sobre a cama, que possui um acolchoado de flores vermelhas. Provavelmente, a estação da época da foto é o inverno. Suas vestes são uma camisa branca e fraldas descartáveis. O sorriso estampado no rosto dá indicação de que por mais que tenha sido “provocado”, foi fruto da espontaneidade pueril. No fundo, vê-se a parede, local onde, provavelmente, seja o quarto dos pais. Esta foto-lembrança foi produzida pelos pais e enviada ao padrinho. A orientação das mãos dá sinais que o menino tinha vontade de agarrar algo ou de comunicar-se com alguém. A foto, que traz um momento íntimo do convívio familiar, congela uma imagem no tempo que se quer transmitir aos

familiares e à sociedade. A ideia de uma criança feliz, saudável e que tem liberdade para brincar parece evidente nesta foto. Analisando a imagem que se visa construir, percebe-se o quanto se quer trazer a ideia de um lar seguro, feliz e saudável, no qual a criança está assegurada de seus direitos, ou seja, nada poderá maculá-la. Aqui, a criança aparece como criança, sendo esta imagem a desejada. Uma criança que brinca, é carinhosa e feliz. Ainda é muito cedo para ela representar a família a qual pertence, diferença significativa caso se considere a primeira fotografia analisada neste trabalho. Nem mesmo a sociedade assim o quer, nem o aceita, visto que a criança não deve perder seu “tempo de criança”. A projeção precoce do futuro bem sucedido familiar, objetivo da primeira imagem, dá lugar à concepção de infância demarcada por etapas etárias demarcadas.

Na sociedade contemporânea facilmente constatamos a separação das faixas de idade. Crianças, adolescentes, adultos jovens e adultos velhos ocupam áreas reservadas, como creches, escolas, oficinas, escritórios, asilos, locais de lazer, etc. A exceção se dá na família. Sem dúvida, é no contexto familiar que ocorrem mais freqüentemente os encontros entre as gerações, ao menos por proximidade física, já que em muitas prevalece o distanciamento afetivo. Por isso, a qualidade dessas relações tem sido alvo de muitas discussões entre especialistas. (NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2007, p.4).

No momento da foto, 1992, estamos em um processo de mudanças no país. Após um longo período de governo militar (1964-1985), tem-se o primeiro presidente eleito democraticamente, Fernando Collor de Melo, que, neste ano, sofreria o processo de *impeachment*, decorrente das denúncias de Pedro Collor, seu irmão. Este anunciava, na Revista Veja, o esquema “PC Farias”. O país enfrentaria um processo de plebiscito, no qual foram mantidos o regime presidencialista e republicano.

Mudanças financeiras também foram borbulhantes, como a criação do Plano Real, em 1993 e sua circulação em 1994. Em 1992, a economia do país sofreu fortes abalos devido ao confisco das contas bancárias do Governo Collor. Muitas famílias foram à bancarrota, por conta deste evento. Na época da realização desta fotografia, muitas famílias não dispunham de dinheiro para produzir este tipo de lembrança. Para se fazer uma fotografia, necessitava-se de uma câmera analógica, filme para revelação (de 24 ou 36 poses) que, em média custava 18 reais. O processo para acessar o produto final (a foto) durava cerca de três dias. Isto evidencia certo empecilho quanto à produção de fotografias. Mesmo assim, os pais da criança se esforçam por fazê-lo, sendo considerado importante registrar certos momentos da vida do indivíduo e compartilhá-lo com os demais.

Conclusões

Ao analisar e interpretar estas duas fotos-lembrança, que entre si possuem 105 anos de diferença, chega-se a alguns questionamentos. Evidentemente, as técnicas da produção fotográfica evoluíram muito de 1887 para 1992, e continuam a evoluir. Na primeira fotografia, a criança teve que ficar parada na mesma pose por um longo período e, na segunda, foi questão de frações de segundo. A primeira fotografia foi revelada após um longuíssimo processo e a segunda em menos de uma semana. Isto, às vezes, parece até ridículo para a era digital, na qual a fotografia se produz na hora e não precisa nem ao menos ser revelada, sendo instantaneamente compartilhada via caixa postal eletrônica.

Observam-se nuances não tão aparentes nestas práticas de produção de “lembrancinhas” fotográfi-

cas. As permanências percebidas são incontestes. Os pais da criança procuram, por meio da produção imágica, apresentar e elevar a imagem que fazem da criança. A criança ainda não se percebe como indivíduo para fazê-lo. Assim, cabe aos pais o papel de construtor da imagem da infância. São eles os portadores dos simbolismos impregnados na fotografia. Este universo simbólico é produto final de todo um arcabouço representativo da sociedade em que vivem. Apesar do empecilho financeiro das duas épocas, vê-se um esforço permanente de perenização da imagem pueril. A importância da fotografia como representação da realidade de uma época é entendida como um momento especial que deve ser registrado e “eternizado”.

A prática de lembrança fotográfica aos parentes, em especial para o padrinho e madrinha da criança, continua corrente, logicamente que sob diferentes formas, nas quais a facilidade digital influi muito. Atualmente, não são mais vistas as lebrancinhas, mas, sim, e-mails de lá para cá, “pipocando” entre as caixas postais eletrônicas. Se este fator promoveu, por um lado, a maior circulação de imagens no mundo, também a banalizou como mero artifício ilustrativo do texto escrito.

Referências

- ARIÈS, Phillipe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
- CECCHIM, Cristiane. **Imagens de Criança**: O imaginário de criança: O imaginário de família na literatura de civilidade. (As meninas exemplares, da Condessa de Ségur). Cidade: UDESC, 2004.
- CECCIM, Ricardo Burg; PALOMBINI, Analice de Lima. **Imagens da infância, devir-criança e uma formulação a educação do cuidado**. *Psicologia e Sociedade*, 21 (3) 301-312, 2009.
- CHALMEL, Loic. Imagens de crianças e crianças nas imagens: representações da infância na iconografia pedagógica nos séculos XVII e XVIII. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 86, p. 57-74, abril 2004 57 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>
- FRITZEN, Celdon. Imagens da criança na geração de 1870: O problema dos instintos. **I Seminário Educação, Imaginação e as linguagens Artístico-Culturais**, 5 a 7 de Setembro de 2005.
- JOVINO, Ione da Silva. **Entre o sentimento da Infância e invisibilidade das crianças negras**: Ambigüidade no século XIX. Cidade: Edital Universal, 2004.
- MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, Rio de Janeiro, vol. 1, nº 2, 1996, p. 73-98. Disponível em http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_dossie/artg2-4.pdf Acesso em 30 de maio de 2013.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais**: Investigações em Psicologia Social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- NASCIMENTO, Cláudia Terra; BRANCHER, Vantoir Roberto; OLIVEIRA, Valeska Fortes de. A Construção social do conceito de infância: Algumas interlocuções históricas e sociológicas. **Revista Olhar do Professor**. Cidade: Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **República Velha gaúcha**: Estado autoritário e economia. Porto Alegre: Editora Mercado Aberto, 1993.
- _____. **História do Rio Grande do Sul**, 3 edição. Série Revisão. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- SARAT, Magda C. A Infância no Brasil no século XIX: Percepções dos viajantes na literatura de viagem. **Educação e Fronteiras**. Dourados, MS, v.1, n. 2, Jul/Dez. 2007.
- _____. Crianças brasileiras no século XIX. Mal-educadas, mal-criadas ou (des)civilizadas. **Revista Conexões** n. 5, Dez. 2000.
- SARDELICH, Maria Emília. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de pesquisa**. Vol 36, n 128, p.451-472. maio-agosto, 2006.
- SILVA, Gilberto Ferreira da. **Leitura de Imagens**: A fotografia como instrumento de pesquisa e produção do conhecimento e educação. (Power Point) Disciplina de Teoria do conhecimento. Unilasalle - Canoas, 2011.

Recebido em: 04/06/2013

Aceito em: 04/06/2013